*Parque Industrial*: gênero e modernização no romance proletário de Patrícia Galvão

Projeto de Mestrado

1. **Apresentação do tema**

Nas primeiras décadas do século XX, tanto a cidade como o estado de São Paulo passaram por transformações econômicas, culturais e sociais profundas, as quais caracterizaram o processo de modernização da região. Em relação ao aspecto socioeconômico, esse momento é marcado por um desenvolvimento intenso da indústria, acompanhado do crescimento urbano e da emergência dos trabalhadores industriais. No campo da cultura, mais especificamente, da literatura, esse cenário impulsionará uma ruptura com os padrões estéticos e temáticos, que abrirá o caminho para as inovações incorporadas pelo romance da década de 1930, cuja maior preocupação será com a “realidade brasileira”. Nesse contexto, o cotidiano da metrópole e as condições de vida do operariado paulista passam a ser temas trabalhados pela literatura. É o caso da obra *Parque Industrial*, escrita em 1932 por Patrícia Galvão e publicada em 1933. Assim, num primeiro momento, será abordada, de maneira geral, a situação da indústria e da mobilização operária no estado de São Paulo nos anos 1930, para, a partir desse contexto, introduzir o romance proletário de Pagu, em especial, da sua abordagem da realidade das mulheres trabalhadoras e da centralidade da questão de gênero na narrativa.

Quanto à industrialização, os dados trazidos por Warren Dean demonstram como esse processo se deu de modo rápido e acentuado. Se, em 1905 “o valor da produção paulista foi calculado em 110.000 contos [$34.000.000]”, em 1915, esse número era de 274.000 [$67.000.000][[1]](#footnote-1). Nesse contexto, destaca-se a indústria têxtil, cuja produção e o número de trabalhadores empregados seguiu em notável ascensão.

Como demonstram os dados apresentados pela *Estatística Industrial do Estado de São Paulo*, em 1932 e 1933, ou seja, o intervalo de produção e publicação do livro *Parque Industrial*, foram abertas 40 fábricas de tecidos e introduzidos 9.747 operários[[2]](#footnote-2). Esses números indicam não apenas o rápido crescimento do setor têxtil, mas também sua intensa absorção de mão de obra. Assim, Pagu escreve num momento em que a indústria têxtil paulista segue em notável expansão, absorvendo grande parte da mão de obra fabril.

Esse crescimento industrial no estado de São Paulo, insere-se, por sua vez, na expansão do mercado capitalista mundial, cujos processos que resultam tanto dessa como nessa expansão são denominados, de acordo com Marshall Berman, modernização[[3]](#footnote-3). Para o autor, a vivência dessa modernização, isto é, da constante transformação nos mais diferentes âmbitos da realidade social, deve ser entendida como fenômeno humano[[4]](#footnote-4). O pensamento de Berman, portanto, ressalta o elemento humano por trás dos processos de modernização, de modo que são os indivíduos, em coletividade, que constroem esses processos. Nota-se, assim, que a interpretação do autor contribui para se entender a emergência da classe operária urbana e fabril, a qual, frente à exploração, bem como às condições precárias de vida e trabalho, organizaram-se e mobilizaram-se no contexto de industrialização em São Paulo, enquanto fenômeno moderno, característico e formador do processo de modernização.

Quanto a isso, as informações trazidas por Edgar Carone[[5]](#footnote-5) evidenciam a intensidade dessas mobilizações e o fortalecimento da atividade sindical nesse período. Em especial nos primeiros anos da década de 1930, a partir do caráter cada vez mais político da atividade sindical no país, observa-se um cenário marcado pela pressão dos trabalhadores sobre o Estado e a burguesia por meio da realização de comícios, protestos e greves[[6]](#footnote-6).

Em relação a essas últimas, o autor identifica em 1932 um momento chave para a luta grevista. Se, no ano anterior, as manifestações eram esporádicas, “em 1932, ao contrário, temos movimentos que atingem maior número de atividades profissionais, com maior extensão e profundidade”[[7]](#footnote-7), com destaque para a atuação do operariado do setor têxtil. Dessa maneira, no momento de produção de publicação de *Parque Industrial*, Pagu encontra-se num cenário de intensa luta sindical e operária, que a autora busca retratar.

Outro ponto essencial a ser considerado quando se trata da indústria paulista é a divisão sexual do trabalho. Em tal contexto o trabalho de Maria Valéria Junho Pena[[8]](#footnote-8) é fundamental para se compreender não apenas as relações de gênero no interior do desenvolvimento industrial, mas também da sociedade como um todo, nesse momento de consolidação da indústria brasileira. A partir da análise da autora, é possível perceber como a exploração da força de trabalho feminino, dentro e fora das fábricas, estruturou a economia industrial do país, sendo o setor têxtil um ramo central nesse sentido. Chega-se, assim, à ideia de que “o desenvolvimento do capital industrial no Brasil não foi cego ao sexo e procurou utilizar a seu proveito a dominação que o homem impunha sobre a mulher dentro e fora da fábrica”[[9]](#footnote-9). Desse modo, na medida em que o gênero foi usado como um elemento de exploração no interior do trabalho industrial, ele representou um elemento central na constituição da economia industrial brasileira, padrão também observado em São Paulo.

O período entre 1920 e 1930 foi um momento importante nesse ponto, uma vez que marcou algumas transformações na organização do trabalho fabril, que envolveram diretamente o trabalho feminino industrial e doméstico[[10]](#footnote-10). Observa-se, a partir dessa época, uma diminuição do número de mulheres empregadas nas fábricas[[11]](#footnote-11).

Como destaca Aline Tosta dos Santos, no Brasil, o final do século XIX e o começo do XX marcaram um processo de modernização no qual o Estado assumirá um discurso higienista, que, baseado nos ideais burgueses, promoverá uma série de transformações no comportamento social e na organização familiar, de modo que o padrão da família nuclear, na qual a mulher assume a função social de esposa e mãe, é imposto sobre as famílias trabalhadoras[[12]](#footnote-12). Nessa visão, o lugar de atuação feminino por excelência passa a ser o espaço doméstico, no interior do qual a mulher deve assegurar o bem-estar do marido e dos filhos.

Contudo, a diminuição da força de trabalho feminina no setor industrial não significou a ausência de operárias no espaço fabril. Como demonstra Pena, à medida que as mulheres eram excluídas da indústria, sua presença passou a concentrar-se em determinados setores industriais e em funções entendidas como hierarquicamente inferiores do interior da produção[[13]](#footnote-13). O grande destaque nesse sentido, é a indústria têxtil, cuja porcentagem do trabalho feminino aumentou, de 51% em 1920 para 57% em 1950, a nível nacional. O caso paulista seguiu essa mesma tendência e em 1940, registra-se um total de 94.161 operários na indústria têxtil, dos quais 57.687 eram mulheres[[14]](#footnote-14). Percebe-se, assim, como as mulheres eram a maioria numa das principais atividades industriais brasileiras, responsável por impulsionar a produção nacional.

Não por acaso, esse era o ramo com as menores remunerações. Numa lógica perversa, como coloca a própria autora, no interior do desenvolvimento industrial do país, a mulher “servia ao capital enquanto uma trabalhadora assalariada mas o capital também poderia usá-la como mulher”[[15]](#footnote-15). Quer dizer, além de ser dona da sua própria força de trabalho, a mulher, como mãe e esposa, também reproduzia outras forças de trabalho. Observa-se, assim, como a ideologia burguesa, do padrão da família nuclear, na qual as funções femininas concentravam-se nas atividades domésticas, associava-se fortemente à exploração econômica desse trabalho feminino, seja ele nos lares operários ou nas fábricas. Nesse sentido, Pena destaca que a dupla exploração sofrida pelas mulheres, como classe trabalhadora e enquanto gênero, o que levou a uma experiência diferente do desenvolvimento do capitalismo por parte do operariado feminino[[16]](#footnote-16). E é justamente essa realidade específica, na qual classe e gênero convergem, que Pagu busca retratar.

Patrícia Rehder Galvão nasceu em 1910, na cidade de São João da Boa Vista, no interior de São Paulo e muda-se, ainda criança, para a capital do estado, onde passa a viver no bairro do Brás. Em 1928, aos 18 anos, insere-se no círculo modernista paulistano e passa a frequentar as reuniões na casa de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. Em 1931, filia-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e entrega-se totalmente à militância. Lembrada, na maior parte das vezes, como a figura responsável por separar o casal Oswald e Tarsila, ou ainda como a bela jovem que serviu apenas de inspiração a artistas modernistas, Pagu teve sua produção artística e intelectual esquecida. Síntese de sua atuação literária e política, *Parque Industrial* é praticamente desconhecido do grande público e está ausente até mesmo das bibliotecas públicas fora de São Paulo[[17]](#footnote-17). A obra, no entanto, é de extrema importância para a literatura nacional por tratar, de forma pioneira e inovadora, de questões como gênero e classe.

Escrito num esforço de Patrícia Galvão em se reaproximar do PCB, *Parque Industrial* é um trabalho inovador e, compreende-se, revolucionário, não apenas porque, em suas páginas, defende abertamente a revolução socialista e ataca a burguesia de São Paulo, mas também porque possui um projeto estético particular, bem como aborda temas pouco trabalhados pela literatura nacional até o momento, sendo o primeiro romance proletário brasileiro e uma das primeiras obras do período a colocar as mulheres como protagonistas. A obra, de viés marxista, tem como foco o cotidiano dos trabalhadores residentes no bairro operário do Brás, na cidade de São Paulo, e retrata o seu trabalho nas fábricas, em especial no setor têxtil, suas reuniões em sindicatos, comícios, festas populares e manifestações. A autora escolhe, portanto, como protagonista da sua obra a classe operária paulistana e retrata a realidade desse grupo social num contexto de acelerado desenvolvimento industrial. Para isso, enfatiza, por um lado, a exploração à qual era submetido, por outro, a luta e a resistência desses trabalhadores frente ao Estado burguês e aos patrões. Desse modo, como nota Jakson, *Parque Industrial* pode ser visto como um verdadeiro documento social, literário e, acrescenta-se, histórico, sobre o processo de industrialização em São Paulo[[18]](#footnote-18).

Contudo, apesar de sua importância, o livro, tanto em sua época como até recentemente, teve uma circulação extremamente limitada, e permaneceu desconhecido do público leitor. No campo acadêmico, a realidade não foi diferente e até o trabalho pioneiro de Thelma Guedes[[19]](#footnote-19), em 1998, a obra não havia sido objeto de estudos mais aprofundados. Por isso, Guedes já inicia sua dissertação com a ideia de fracasso do romance de Pagu. Contudo, a autora vai mais além e, ao analisar semanticamente o termo derrota, afirma que tanto em sua origem latina como no vocabulário náutico, o termo está associado à ideia de caminho[[20]](#footnote-20). A partir dessa interpretação, destaca-se que *Parque Industrial* também deve ser compreendido como responsável pela abertura de caminhos na literatura brasileira[[21]](#footnote-21), seja pela sua experimentação estética, seja pela sua inovação temática.

O leitor de *Parque Industrial* está diante de uma experimentação literária na qual se combinam de modo particular elementos modernistas e da literatura socialista, que resultam numa obra singular e com um projeto estético, literário e político único, que unia a transformação da realidade à inovação da arte. E essa transgressão artística se dá na própria forma do romance, uma vez que, como afirma Guedes, se trata, na realidade, de um romance, o qual “toma como premissa parâmetros da tradição realista do romance, para sugerir um espaço narrativo do inorgânico e do inacabado”[[22]](#footnote-22). Quer dizer, *Parque Industrial* é um romance que, por um lado, foge ao modelo tradicional do romance, na medida em que possui uma narrativa fragmentada, com personagens pouco desenvolvidos, com letras e sinais grandes e marcantes, além de linhas bastante espaçadas. E, por outro lado, o romance e sua narrativa não acabam em si mesmos, uma vez que Pagu buscou contar uma história ainda em construção, que ainda está sendo escrita, mais especificamente, pelo operariado.

Se, ao abordar essa realidade, a autora trata da vida da classe proletária como um todo, uma atenção maior é dada às mulheres operárias, as protagonistas do romance, cuja dupla exploração, de classe e gênero, não passou despercebida por Pagu. Na realidade, esse é um dos eixos do romance e parte constitutiva da narrativa. Como essa pesquisa buscará demonstrar, é por meio das personagens femininas que Patrícia Galvão constrói o argumento da narrativa, ou seja, denuncia a realidade capitalista e defende a necessidade da revolução socialista. Não por acaso, do mesmo modo que as personagens principais e maiores exemplos de militância são figuras femininas, também é a partir delas que se expõe a exploração dos trabalhadores.

Ademais, a atenção dada pela autora à questão de gênero pode ser explicada, por um lado, pelo próprio setor fabril tratado na história, a industrial têxtil, que, como já comentado, contou com uma intensa participação da mão de obra feminina. Contudo, é importante ressaltar que a ênfase nas relações de gênero não pode ser resumida a uma mera coincidência, a um ponto que deveria ser abordado apenas para se manter uma fidelidade à realidade. Muito pelo contrário, a principal hipótese dessa pesquisa é justamente que a temática de gênero estrutura toda a narrativa de modo que deve ser compreendida como um dos eixos do romance, e uma escolha consciente da autora em enfatizar as relações de gênero e que condiz com a sua trajetória política e intelectual até aquele momento.

Nesse sentido, Patrícia Galvão não abordou a questão das mulheres pela primeira vez em seu romance de estreia. Ela já o havia feito em 1931, na sua coluna *A Mulher do Povo*, publicada no jornal *O Homem do Povo*, que fundou junto com Oswald de Andrade. Nessa seção, de forma pioneira no Brasil, Pagu, a partir de uma interpretação materialista histórica da realidade, escrevia sobre a situação das mulheres e sobre o movimento feminista no país. Um dos maiores exemplos dessa postura combativa das autoras pode ser encontrado no artigo *Maltus Além*, já no primeiro número do jornal. Nele, Patrícia Galvão denuncia a atuação conservadora das “pequenas burguesas cuja instrucção é feita nos livrinhos de belleza ou [...] no ambiente semi-familiar dos cocktails modernos, [que] berra[m] a favor da liberdade sexual, da maternidade consciente, do direito do voto para mulheres cultas”[[23]](#footnote-23), enquanto negam esse mesmo direito aos trabalhadores e às trabalhadoras. Percebe-se, assim, nos trechos citados, como Pagu não hesitava em criticar as feministas liberais e assumia uma postura crítica, que condizia com sua visão marxista e com a defesa da classe operária. Para a autora, não bastava lutar por direitos para as mulheres, se essas conquistas ficassem restritas às mulheres das classes dominantes.

Desse modo, a partir da análise conjunta de *Parque Industrial* e *A Mulher do Povo*, é interessante notar o desenvolvimento de uma linha de pensamento na produção de Patrícia Galvão, na qual a questão de gênero é fundamental e está diretamente associada à luta de classes. A autora não defende as mulheres em abstrato, mas as mulheres trabalhadoras. Assim como em sua coluna no jornal *O Homem do Povo*, em seu romance, Pagu critica abertamente o movimento feminista liberal de São Paulo. O conteúdo do artigo *Maltus Alem*, pode-se dizer, é transformado numa das cenas de *Parque Industrial*, na qual, as feministas pequeno-burguesas são as personagens. Ao retratar uma conversa entre as mulheres da pequena burguesia paulistana, Pagu explicita os limites e as contradições do feminismo liberal ao excluir as operárias. No episódio, uma das mulheres comemora a conquista do voto feminino. Quando questionada acerca das mulheres trabalhadoras, responde: “Essas são analfabetas. Excluídas por natureza”[[24]](#footnote-24).

O trecho anterior demonstra como a autora escancara a marginalização das proletárias e pelo própio movimento feminista. Para as personagens citadas, essas mulheres, por conta de sua classe social, não são dignas de direitos. Emerge, nesse ponto, um aspecto central do romance, isto é, a luta de classes, considerada em conjunto da opressão contra as mulheres. Quer dizer, ao mesmo tempo em que, enquanto um romance proletário, o livro denuncia a exploração da classe trabalhadora pelo capital e pela burguesia, ele também traz para o centro das discussões a realidade da parcela feminina desse proletariado. Gênero e classe, portanto, são categorias que, em *Parque Industrial*, não podem ser vistas isoladamente, mas compreendidas em conjunto.

Nesse sentido, Tânia Leal e Marcos Paulo Torres Pereira ressaltam um aspecto importante da crítica social de Pagu, que em sua narrativa retrata

diversas demonstrações de humilhação da mulher: a burguesia a trata como mero objeto de consumo, como se ela devesse estar ali apenas para o prazer burguês-masculino – seja esse sexual ou financeiro, conquistado por meio do trabalho das proletárias, que trabalhavam para gerar lucro para seus patrões[[25]](#footnote-25).

Quer dizer, *Parque Industrial* preocupa-se em retratar a humilhação e a violência cotidiana sofrida pelas mulheres no interior do sistema capitalista, exploradas economicamente e violentadas pelas classes dominantes. Com base na formulação dos autores, busca-se ir além e propor que esse é um recurso fundamental na elaboração da crítica ao capitalismo e na defesa da sua superação pela revolução do proletariado.

Assim, as relações de gênero seriam um elemento estruturante da narrativa, afinal, para construir sua crítica ao capitalismo, Patrícia Galvão se vale, mais especificamente da realidade das mulheres operárias. Dessa maneira, é interessante perceber como, em certas cenas e parágrafos, a autora opta por tratar, concomitantemente, de assuntos que envolvem a realidade feminina e a questão de classe. Um exemplo dessa situação encontra-se no capítulo *Proletarização*, que se inicia com a carta da personagem Matilde à Otávia. Nela, afirma: “Acabam de me despedir da fábrica, sem uma explicação nem motivo. Porque me recusei a ir ao quarto do chefe. Como sinto, companheira, mais do que nunca, a luta de classes”[[26]](#footnote-26). No relato de Matilde, vítima de assédio por parte do patrão, e demitida por resistir a essa investida, Pagu se vale de uma situação que atinge majoritariamente as mulheres, ou seja, o assédio, para tratar também do abuso da burguesia sobre o proletariado. O chefe de Matilde não exerce apenas violência e uma dominação de gênero contra ela, mas também uma dominação, enquanto classe. Nesse caso, classe e gênero são fontes interrelacionadas da opressão sofrida.

Matilde, seria, dessa maneira, o objeto de consumo descrito por Leal e Pereira, seja por vender sua força de trabalho ao chefe, ou por ser vista pelo mesmo como um objeto voltado para a sua satisfação. Nesse sentido, ao se considerar, como aprofunda György Lukács em *História e consciência de classe*, que o capitalismo promoveu a generalização da forma mercadoria, que passou a ser dominante e a gerir as relações econômicas e sociais[[27]](#footnote-27), é possível pensar como tal generalização afetou as relações de gênero. Como Pagu retrata em seu romance, as mulheres operárias, por sua condição de gênero e também de classe, transformaram-se em mercadorias a serem consumidas pela burguesia, mais especificamente, pelos homens burgueses, realidade sintetizada no caso da personagem Matilde.

Assim, com base no pensamento de Guedes, de acordo com quem, o romance de estreia de Patrícia Galvão possui como seus três eixos fundamentais a descrição da realidade, o engajamento político e experimentação literária[[28]](#footnote-28), pode-se perceber, em especial nos dois primeiros aspectos, como a temática de gênero perpassa a estrutura do romance. Afinal, a autora opta por retratar a realidade a partir das experiências vividas pelas mulheres e se vale justamente da interrelação entre as opressões de classe e gênero para demonstrar a necessidade da superação do sistema capitalista, colocando, portanto, as personagens femininas na linha da frente do movimento operário paulistano.

Vale ressaltar, ainda, que essas mulheres retratadas no romance fogem ao padrão de comportamento feminino difundido durante a República, o qual, como comentado, relegava as mulheres ao espaço do lar e das atividades domésticas. Ao contrário, as personagens femininas mais importantes de Pagu são trabalhadoras e aparecem, na maior parte das vezes em espaços públicos, nas ruas, nas fábricas, em manifestações, em greves e em reuniões do movimento operário. Dessa maneira, a literatura insurgente da autora ao se ater às mulheres pobres, trabalhadoras e militantes, revela as contradições e os limites do modelo burguês de comportamento feminino, o que faz dele um importante documento das maneiras e dos recursos encontrados pelas mulheres em criticar a sociedade em que se inseriam.

Nesse sentido, a partir das considerações de Berman é possível pensar como, ao abordar a realidade das mulheres trabalhadoras, suas relações e suas formas de resistência à exploração a que eram submetidas no contexto de modernização de São Paulo, *Parque Industrial* possibilita a associação entre gênero e modernização. Esse é um dos pressupostos desse trabalho e um ponto a ser desenvolvido no decorrer da pesquisa.

E ao tratar, com uma postura marcadamente política e crítica, da realidade das mulheres operárias que viviam nos centros urbanos, Pagu assumiu uma posição inovadora na literatura nacional, seja por dar voz aos trabalhadores urbanos, seja por fazer da parcela feminina desse grupo, a grande protagonista do romance[[29]](#footnote-29). Ademais, como destaca Flávio Loureiro Chaves, se, por um lado, a obra pode ser compreendida como parte de um projeto típico do Modernismo brasileiro, que buscou abordar os espaços urbanos e sua população comum, a autora, de maneira pioneira, inseriu “forte conotação política na sua defesa do proletariado industrial, denunciando num tom candente a ordem social injusta”[[30]](#footnote-30). Trata-se, portanto, de uma obra vanguardista, no sentido de se propor a abordar questões, trabalhar conteúdos inéditos até o momento e que dialogam com o presente, possuindo uma relevância atual.

Assim, em *Parque Industrial*, Patrícia Galvão tece uma intensa crítica social à realidade paulistana e denuncia a desigualdade socioeconômica, a exploração do proletariado pela burguesia e a situação das mulheres operárias na sociedade de classes. Se, por um lado, como exposto, o romance dialoga com o Modernismo, esse aspecto de denúncia social aproxima-a, por outro lado, do Romance Social da década de 1930. Como afirma Antonio Cândido, os anos 1930, no Brasil foi caracterizado pela difusão de ideias e correntes de esquerda, de modo que conceitos como ““luta de classes", "espoliação", "mais-valia", "moral burguesa", "proletariado", ligados à insatisfação difusa em relação ao sistema social dominante”, ganharam destaque nas produções intelectuais e literárias[[31]](#footnote-31). Essas noções são centrais e, inclusive, utilizadas em *Parque Industrial*.

Percebe-se, desse modo, como a autora insere-se no contexto literário e ao mesmo tempo, traz importantes inovações. É a partir do diálogo tanto com o Modernismo como Romance Social que Pagu escreve *Parque Industrial*, acrescentando, nesse cenário, o protagonismo das personagens femininas, além de propor uma nova estética para o romance. A narrativa em questão, como buscou-se apresentar, centra-se na temática de gênero, em questões associadas às experiências vividas pelas mulheres operárias e as associa ao projeto político e revolucionário defendido pela autora. É justamente esse aspecto tão central da obra, isto é, as relações de gênero, o principal objeto de análise dessa pesquisa.

1. **Objetivos**

A partir do exposto no tópico anterior, em especial, como Patrícia Galvão, em seu romance de estreia, atenta-se para a realidade e as experiências das mulheres trabalhadoras ao tratar do cotidiano dos operários na São Paulo em modernização, o principal objetivo dessa pesquisa é analisar como a autora aborda as relações de gênero em *Parque Industrial*. Nesse sentido, destacam-se outros dois objetivos secundários e diretamente relacionados ao foco deste trabalho: compreender como a categoria de gênero estrutura e constitui a obra, bem como relacionar, com base no romance estudado, o conceito de gênero ao de modernização.

Buscar-se-á, ainda, estabelecer um diálogo entre *Parque Industrial* e os artigos publicados em *A Mulher do Povo*, de modo a inserir o livro no conjunto da produção intelectual de Pagu e sua visão acerca das questões femininas. Objetiva-se, desse modo, traçar o conjunto do pensamento político e feminista da autora, entre 1931 e 1933, com vistas a destacar seu papel como escritora, intelectual e militante.

Por fim, um objetivo que perpassa todo esse trabalho é a compreensão da natureza subversiva e questionadora do romance em seu contexto de produção, marcado, como mencionado anteriormente, pela difusão do modelo burguês de feminilidade e de comportamento feminino.

1. **Fundamentação teórica e metodológica**

Em relação à metodologia e aos fundamentos teóricos, por um lado, toda a pesquisa se baseia no já mencionado tripé engajamento político, preocupação com a realidade e experimentação estética no qual se estrutura *Parque Industrial* formulado por Thelma Guedes. Contudo, considerando o foco deste trabalho, bem como os limites que permitam seu adequado desenvolvimento, a pesquisa não se debruçará na dimensão estética, ainda que se reconheça sua importância. Nesse sentido, os âmbitos a serem mais aprofundados são os do comprometimento político e com a realidade por parte da obra. Com base em ambos os aspectos, estabelecem-se, por outro lado, os dois pontos de sustentação desse trabalho, as duas linhas de pesquisa histórica nas quais ele se fundamenta: a história das relações de gênero, e o diálogo entre história e literatura.

No primeiro tópico do projeto, desenvolveu-se a ideia de que a temática de gênero é central e constitutiva de *Parque Industrial*, o que ampara o objetivo principal da pesquisa, como foi exposto no item seguinte. Assim, o foco principal desse trabalho são, justamente, as relações de gênero, cuja abordagem se dará a partir tanto de obras clássicas, como *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, como de trabalhos importantes, para se pensar a história das relações de gênero e sua configuração sob o desenvolvimento do capitalismo, como o faz Heleith Saffiotti, em *A mulher na sociedade de classes*. Nesse ponto, destaca-se, ainda, que a pesquisa pretende trabalhar com o conceito de mercadoria, fundamental para se compreender a estruturação da sociedade capitalista sobre a qual escreve Patrícia Galvão e, acredita-se, para o entendimento das próprias questões de gênero no interior dessas sociedades. Por isso, as obras *História e Consciência de Classe*, bem como o primeiro volume d’ *O Capital*, em especial seu primeiro capítulo, também fundamentam a pesquisa. A seleção dessas obras é também reforçada pela proximidade de Pagu com o pensamento marxista, expresso de maneira explícita em seu romance.

Essa abordagem das relações de gênero, a partir de sua historicização e inserção no cenário de desenvolvimento do capitalismo industrial no país, implica a associação da categoria de gênero à de modernização. Nesse contexto, *Tudo o que é sólido desmancha no ar*, de Marshall Berman, fornece uma base imprescindível para a compreensão das ideias de modernização e de modernidade. Essa interpretação é enriquecida a partir do pensamento de Griselda Pollock, cujo texto selecionado, *A modernidade e os espaços da feminilidade*, contribui para se pensar o local das mulheres não apenas nessa Modernidade, mas também no campo artístico desse momento. Além disso, por se considerar historicamente as questões de gênero, a pesquisa se vale de obras que possuem como foco a realidade das mulheres nos processos retratados em *Parque Industrial*, como nas mobilizações operárias, no trabalho fabril no Brasil.

Assim, ao tomar como documento principal de análise uma obra literária, essa pesquisa também se enquadra no campo de estudos fundamentado no diálogo entre História e Literatura. Por isso, para além de uma bibliografia de conteúdo historiográfico, ou seja, mais voltada para a perspectiva histórica, esse trabalho também se fundamenta em textos que contribuam para o entendimento do campo literário, bem como das possibilidades de aproximação com a História. Nesse sentido, contra a redução do romance a um mero apoio a ser comparado com a realidade, essa pesquisa buscará tratar *Parque Industrial* enquanto documento que, apesar de inserido em seu contexto de produção e possuir um interesse em retratar essa conjuntura, também deve ser analisado de forma a não o limitar apenas a essa realidade. Quer dizer, não se trata de abordar uma fidelidade histórica do romance, mas de atentar-se a como o retrato de que faz das relações de gênero contribui para se pensar o modo como esse tema era visto, entendido e mobilizado naquele período, entre 1931 e 1933, o qual também corresponde ao recorte temporal da pesquisa.

Esse recorte baseia-se na produção intelectual de conteúdo político e feminista de Patrícia Galvão. Os artigos publicados em *A Mulher do Povo* datam de 1931, enquanto *Parque Industrial* foi escrito e publicado entre os anos de 1932 e 1933.

1. **Contribuição e importância historiográfica da pesquisa**

No que diz respeito às contribuições historiográficas pretendidas pela pesquisa, é possível destacar, de modo geral, o fortalecimento dos estudos sobre *Parque Industrial* e a produção de Patrícia Galvão, com foco nas questões de gênero, fazendo com que esse trabalho também busque contribuir para essa área de investigação histórica. Mais especificamente, considerando como o romance de Pagu foi marginalizado e, apenas recentemente, a partir do final dos anos 1990, começou a ser objeto de estudos pela academia, esse trabalho, por um lado, poderá juntar-se a essas produções acadêmicas, e contribuir com uma discussão e um embasamento teórico a partir da disciplina histórica e da história das relações de gênero. Por outro lado, analisar a partir da História, o romance, em especial, o seu retrato de temáticas femininas, também permitirá uma melhor compreensão acerca da história das relações de gênero no Brasil. Além disso, ao propor um estudo acerca da obra pioneira e inovadora de Pagu, buscando, ainda, relacioná-la a outros textos escritos pela autora, a pesquisa pretende contribuir para a desconstrução da imagem da autora enquanto mera “musa modernista”, mas como artista, como autora importante na literatura nacional.

Como comentado, a dissertação de Thelma Guedes representa um trabalho pioneiro acerca de *Parque Industrial*. Até aquele momento, apesar de alguns comentários por parte de poucos acadêmicos, em especial, Kenneth David Jackson[[32]](#footnote-32), não havia nenhum estudo aprofundado sobre a obra. É a partir da década de 2010 que passam a surgir, de modo sistemático, mais produções científicas, acerca do romance, sendo a totalidade delas provenientes do campo das Letras[[33]](#footnote-33). Percebe-se, portanto, como a consolidação de *Parque Industrial* enquanto objeto de análise é recente, de modo que essa pesquisa, ao introduzir um debate realizado a partir da disciplina histórica, com abordagens e discussões que partem dessa perspectiva, contribuirá para o crescimento da ainda jovem área de estudos acerca do livro.

Além disso, a importância dessa pesquisa também se encontra na ausência de produções historiográficas sobre *Parque Industrial*. O trabalho a ser desenvolvido, toma como objeto de análise o romance proletário de Patrícia Galvão e, mais especificamente, o retrato que a autora faz das questões de gênero, considerando a obra como um documento histórico, que expressa uma certa interpretação da realidade a partir das experiências vividas pelas mulheres operárias durante o processo de modernização. Nesse sentido, a pesquisa pretendida mostra-se relevante por se aprofundar na história das relações no Brasil da década de 1930 e contribuir para a compreensão de como essas relações eram vistas, entendidas e representadas pelos seus contemporâneos.

Por fim, esse trabalho, ao tratar do pensamento e da produção de Patrícia Galvão também contribuirá nos estudos acerca da autora e suas obras, bem como no fortalecimento da consideração de Pagu como artista e intelectual. Quer dizer, pretende-se que essa pesquisa forneça material para a superação do apagamento histórico pelo qual passaram tanto a escritora como seu romance proletário, bem como para a desconstrução das interpretações que qualificam Patrícia Galvão como uma jovem ingênua, inexperiente e *Parque Industrial* como um livro que, dado seu marcado engajamento político, não teria relevância literária[[34]](#footnote-34).

1. **Levantamento de fontes e arquivos**

O principal documento com o qual a pesquisa trabalhará será o livro *Parque Industrial. Romance Proletário*, de Patrícia Galvão. Além da edição mais recente, publicada pela Companhia das Letras em 2022, também será possível ter acesso à versão fac-similar da obra, publicada pela Editora Alternativa em 1981, que se encontra na biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo. Outro livro importante para esse trabalho é a *Autobiografia Precoce* de Patrícia Galvão, publicada em 2020, uma vez que, a partir dele, é possível ter acesso à visão da própria autora em relação ao processo de escrita de *Parque Industrial*.

Além do romance, também foram selecionados quatro artigos de Pagu, publicados na sua coluna *A Mulher do Povo*, no jornal *O Homem do Povo*, entre março e abril de 1931, e nos quais, a partir de uma interpretação marxista, critica-se o feminismo pequeno-burguês, de modo que o conteúdo desses trabalhos está diretamente associado à perspectiva adotada pela autora em seu romance de estreia. São eles: *Maltus Além*; *Liga de trompas católicas*; *Guris patri-opas*; *Normalinhas*. Todos os artigos encontram-se no arquivo da Biblioteca Nacional, além de terem sido digitalizados e disponibilizados na Hemeroteca da mesma instituição. Outro artigo de autoria de Patrícia Galvão, *Sobre a didática elementar: modernos e contemporâneos*, escrito em 1957, que também será usado foi publicado no *Suplemento Literário*, que a autora produzia para o jornal A tribuna. A sua relevância para a pesquisa se dá por, nele, a autora expressar sua visão acerca da literatura moderna, o que poderá contribuir para a compreensão do romance *Parque Industrial* e do projeto da autora por trás da obra. O artigo foi transcrito e se encontra na coletânea realizada por Augusto dos Campos em *Pagu: vida e obra*.

Por fim, para uma melhor compreensão do desenvolvimento industrial de São Paulo e da divisão sexual do trabalho fabril, a pesquisa também se valerá da *Estatística Industrial do Estado de São Paulo* para 1932 e 1933, bem como dos Censos econômicos publicados no *Recenseamento Geral do Brasil de 1940*. Os primeiros documentos estão disponíveis na biblioteca digital da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), já o *Recenseamento*, encontra-se na biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tendo sido digitalizado e disponibilizado no site da instituição.

**Referências bibliográficas**

* + - 1. **Fontes primárias**

**1.1 Livros e textos ou documentos organizados em livros**

ARANTES, Otília Beatriz Fiori (Org.). *Política das Artes*. Textos Escolhidos I. São Paulo: Edusp, 1995.

FURLANI, Lucia Maria Teixeira (Org.). *Os cadernos de Pagu*. Manuscritos de Patrícia Galvão. São Paulo: Nocelli Editora, 2023.

GALVÃO, Patrícia. *Autobiografia precoce*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Parque Industrial*. Romance Proletário (Edição facsimilar). São Paulo: Editora Alternativa, 1981 [1933].

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Parque Industrial*. Romance Proletário. São Paulo: Companhia das Letras, 2022 [1933].

KOLLONTAI, Alexandra. *A revolução socialista e as mulheres*: obras escolhidas e Alexandra Kollontai, v. 1. São Paulo: Lavrapalavra, 2021.

MONTENEGRO, Ana. As mulheres e a revolução brasileira. In: PERICÁS, Luiz Bernardo (Org.). *Caminhos da revolução brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2019.

PRESTES, Luiz Carlos. Manifesto de Maio. In: PERICÁS, Luiz Bernardo (Org.). *Caminhos da revolução brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2019.

RIBEIRO, João. Mara Lobo. Parque Industrial. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: 26 de janeiro de 1933. In: CAMPOS, Augusto de. *Pagu:* vida e obra. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

* 1. **Artigos publicados em revistas e jornais**

A ACÇÃO DA MULHER NA REVOLUÇÃO SOCIAL. *Empreso E de Publicações*, São Paulo, 1922, p. 25.

A EMANCIPAÇÃO DA MULHER. *O amigo do povo*, São Paulo, v. III, n. 61, p. 1, 3 de setembro de 1904.

A REALIDADE DA MULHER TRABALAHDORA. *FNT*, São Paulo, p. 36 sd.

A SITUAÇÃO AFLITIVA DAS COSTUREIRAS QUE TRABALHAM NO “ATELIER”. *O Parafuso*. Seminário de combate, São Paulo, n. 114, v. 5, 13 de maio de 1919.

ALMEIDA, Maria dos Santos. Colegas!. *O Alfaiate*. Orgão da união dos Alfaiates, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 4, 17 de julho de 1920.

ARRATA, Luiza. Liberdade!. *A voz da união*. Porta voz dos empregados em cafés, confeitarias, bates e annexos, São Paulo, v. I, n. 12, p. 1, 7 de março de 1923.

BISSOLATTI, Leonidas. A mulher operária e a emancipação do trabalho. *O chapeleiro*. Orgão do Secretariado Nacional dos Chapeleiros no Brasil, São Paulo, V. I, série II, n. 7, p. 3, 25 de fevereiro de 1906.

COELHO, Mariana. A principal emancipação feminina. *Renascença*. Revista de Arte e Pensamento, São Paulo, v. I, n. 4, julho de 1923.

COM QUE DIREITO?. *O operário*. Semanário católico popular. Órgão oficial do crículo operário paulista, São Paulo, v. XX, n. 833, p. 4, 25 de fevereiro de 1934.

EM SÃO PAULO – A GREVE DAS COSTUREIRAS. *A Terra Livre*. Quinzenário. São Paulo, v. II, n. 52, p. 4, 26 de novembro de 1907.

FEMINISMO. *Novo Rumo*. Órgão evolucionista, Rio de Janiero, v. I, n. 10, p. 3, 10 de junho de 1906.

FIDALGO, Amadeu Fernandes. O trabalho da mulher fora do lar é prejudicial e anti-patriótico. *O operário*. Semanário católico popular. Órgão oficial do crículo operário paulista, São Paulo, v. XXI, n. 852, p. 4, 8 de julho de 1934.

GALVÃO, Patrícia. Maltus Alem. *O Homem do Povo*, São Paulo, 27 de março de 1931. A Mulher do Povo, p. 2.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Liga de trompas catholicas. *O Homem do Povo*, São Paulo, 4 de abril de 1931. A Mulher do Povo, p. 2.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Normalinhas*. O Homem do Povo*, São Paulo, 13 de abril de 1931. A Mulher do Povo, p. 2.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Sobre a didática elementar: modernos e contemporâneos. *A Tribuna*, Santos, 25 de agosto de 1957. Literatura. In: CAMPOS, Augusto de. *Pagu*: vida e obra. São Paulo: Companhia das Letras, p. 322-324.

MAGRASSI, Matilde. Proletárias, instruí-vos. *O amigo do povo*, São Paulo, v. II, n. 42, p. 1, 17 de janeiro de 1904.

LUZ, Fabio. Feminismo. *O Debate*, Rio de Janeiro, v. I, n. 4, 2 de agosto de 1917.

MOURA, Maria Lacerda de. Apelo à mulher. Renascença. Revista de Arte e Pensamento, São Paulo, v. I, n. 1, fevereiro de 1923.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Das vantagens da educação intelectual e profissional da mulher na vida prática das sociedades. *O Internacional*. Orgão dos empregados em hotéis, restaurantes, cafeterias, bares, cafés e classes anexas, São Paulo, v. IV, n. 74, p. 1, 15 de maio de 1924.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Movimento associativo. *Renascença*. Revista de Arte e Pensamento, São Paulo, v. I, n. 1, fevereiro de 1923.

MOVIMENTO OPERÁRIO- COSTUREIRAS E COSTURADORAS DE SACOS. *Novo Rumo*. Órgão evolucionista, Rio de Janeiro, v. I, n. 11, p. 4, 27 de junho de 1905.

NOTA – A EMANCIPAÇÃO DA MULHER. *A voz da união*. Porta voz dos empregados em cafés, confeitarias, bates e annexos, São Paulo, v. I, n. 7, p. 3, 13 de outubro de 1922.

RELAÇÃO DO SEGUNDO CONGRESSO OPERÁRIO ESTADUAL. *A Luta Proletária*. Órgão da Confederação Operária do Estado de São Paulo, São Paulo, v. III, n 14, p. 4, 1º de maio de 1908.

ROUZADE, Leonie. Grito da consciência. *A greve*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 2, 15 de junho de 1903.

VIDIGAL, Gilberto. O feminismo e os anti-feministas. *Renascença*. Revista de Arte e Pensamento, São Paulo, v. I, n. 2, março de 1923.

* 1. **Estatísticas e Recenseamentos**

ESTATÍSTICA INDUSTRIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1932. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Industria e Commercio do Estado de São Paulo, 1934, 278 p.

ESTATÍSTICA INDUSTRIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1933. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Industria e Commercio do Estado de São Paulo, 1935, 254 p.

RECENSEAMENTO GERAL DO BRASIL. Série regional. Parte XVII – São Paulo, 1940. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950, Tomo 3.

* + - 1. **Livros e artigos**

ALÓS, Anselmo Peres. “Parque Industrial”: influxos feministas no romance proletário de Patrícia Galvão. *Caligrama*: Revista de Estudos Românicos, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, jan./jun., 2010.

ALVIN, Zuleika, M. F. A Participação Política da Mulher no Início da Industrialização em São Paulo. *Revista de História USP*, São Paulo, n. 114, p. 61-84, jan./jul., 1983.

ANDRETA, Bárbara Loureiro; ANDRETA, Rachel Loureiro. As mulheres no espaço da fábrica: Parque Industrial, de Patrícia Galvão. In: Andri dos Santos Cunha; Cinara Ferreira; Gerson Roberto Neumann; Rita Lenira de Freitas Bittencourt (Org.). *ILHAS LITERÁRIAS*: Estudos de transárea. Porto Alegre: Editora do Instituto de Letras, 2018, v. 1, p. 442-449.

ARRIGUCCI Junior, Davi. *Enigma e comentário. Ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

AUERBACH, Eric. *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental.* São Paulo: Perspectiva, 1971 [1946].

AVELING, Edward; MARX, Eleonor. *A questão da mulher de um ponto de vista socialista*. São Paulo: Expressão Popular, 2021 [1886].

BARTHES, Roland. O *rumor da língua.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012 [1984].

BEAVOUR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras/Companhia de Bolso, 2007 [1982]

BESSE, Susan Kent. *Modernizando a desigualdade*: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil. São Paulo: Edusp, 1999.

BLOCH, Jayne H. The Struggle against Conformity. *Latin American Literary Review* (Brazilian Literature), Ithaca, vol. 14, n. 2, p. 188-201, jan/jun., 1986.

BRANCO, Ivo. O grito de Pagu contra todos os aproveitadores. *Revista SP Cultura*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 118-135, set., 1982.

BRANDÃO, Vólia; BRANDÃO, Sattva; BRANDÃO, Octávio. *A imagem de Laura Brandão*. Fundo Otávio Brandão.

BRAZIL, Érico Vital; SCHUMAHER, Schuma. *Dicionário de mulheres do Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CAMPOS, Augusto de. *Pagu*: vida e obra. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda; DIAS, Luiz Antonio; SOUZA, Rafael Lopes. Gênero, identidade e revolução nos tempos de Vargas. *História e Cultura*. Franca, Dossiê História, arquivos e mulheres: perspectivas interdisciplinares, vol. 11, n.1, 2022.

CANDIDO, Antonio. A revolução de 30 e a cultura. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

CARONE, Edgar. *A República Nova (1930-1937)*. São Paulo: Difel, 1982.

CASADEI, Eliza Bachega. A função revolucionária da mulher: representações do feminino nos jornais operários e anarquistas do início do século XX. *Altejor*, São Paulo, v. 1, n. 7, p. 1-13, jan./jul. 2013.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHAVES, Flávio Loureiro. Pagu e a experiência da linguagem. In: GALVÃO, Patrícia (Mara Lobo). *Parque Industrial*. Romance proletário. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994 [1933].

CLARK, Katerina. *The Soviet Novel*. History as a ritual. Bloomington: Indiana University Press, 2000.

COLEHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras, 2002.

CZAJKA, Rodrigo; NAPOLITANO, Marcos; MOTTA, Rodrigo Patto (Org.). *Comunistas brasileiros*: cultura política e produção cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

DEAN, Warren. *A Industrialização de São Paulo*: 1880-1945. São Paulo: Difel, 1971.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro/São Paulo: Rosa dos Tempos/ Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 39-53.

ENGELS, Friedrich. *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Boitempo, 2019 [1884].

ENGELS, Friedrich; MARX Karl. *Sobre Literatura e Arte*. Lisboa: Estampa, 1977.

FERRAZ, Geraldo Galvão; FURLANI, Lucia Maria Teixeira. Viva Pagu: fotobiografia de Patrícia Galvão. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

FURLANI, Lucia Maria Teixeira. *Patrícia Galvão*: livre na imaginação, no espaço e no tempo. São Paulo: Unisanta, 1989.

GOLDMAN, Wendy. *Mulher, Estado e Revolução*: política familiar e vida social soviéticas (1917-1936). São Paulo: Boitempo, 2014.

GRECCO, Gabiela de Lima. Escribir bajo censura: mujeres, represión y resistência en Brasil (1937-1945). *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 61, 2021

GUEDES, Thelma. *Pagu*: Literatura e Revolução. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

HAHNER, June Edith. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas*: 1850-1937. São Paulo: Brasiliense, 1981.

JACKSON, Kenneth David. A denunciada denúncia. Pagu and Politics, 1931-1954. An Introduction to the Journalism of Patrícia Galvão. *Review*: literature and Arts of the Americas, Nova Iorque, v. 39, n. 2, p., 2006.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *A vanguarda literária no Brasil*: bibliografia e antologia crítica. Madrid: Verviert, 1998.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Parque industrial, romance da Pauliceia desvairada. *Teresa*, São Paulo, n.16, p. 21-33, 2016.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Patrícia Galvão e o realismo-social brasileiro dos anos 1930. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: 22 de maio de 1978. In: CAMPOS, Augusto de. Pagu: vida e obra. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

JUNIOR, João Carlos Ribeiro. Patrícia Galvão (Pagu, 1910-1962) Audaz e persistente. In: BRITES, Olga; SILVA, Marcos; SECCO, Lincoln (Org.). *Mulheres que interpretam o Brasil*. São Paulo: Contracorrente, 2023.

KANOST, Laura M. Body Politics in Patrícia Galvão’s “Parque Indsutrial”. *Luso-Brazilian Review*, Madison, vol 43, n. 2, p. 90-102, 2006.

KELLY, Joan. The Doubled Vision of Feminist Theory [1979]. In: *Women, History and Theory*. The Essays of Joan Kelly. Chicago; Londres: Chicago University Press, 1986 [1984], p. 51-64.

LACERDA, Felipe Castilho de; SECCO, Lincoln. Laura Brandão (1891-1942) – A imagem, a voz e o verso de Laura Fonseca. In: BRITES, Olga; SILVA, Marcos; SECCO, Lincoln (Org.). *Mulheres que interpretam o Brasil*. São Paulo: Contracorrente, 2023.

LAFETÁ, João Luiza. Estética e ideologia: o modernismo em 30. In: *A educação pela noite*. São Paulo: Editoria 34/Duas cidades, 2004.

LEAL, Tânia; PEREIRA, Marcos Paulo Torres. As mulheres modernas de Pagu em Parque Industrial. *Periódicos UNIFAP*, Macapá, v. 9,, n. 1, p. 185- 192, jan./jun., 2019.

LÊNIN, Vladímir Ilitch. *O que fazer?* Questões Candentes de Nosso Movimento. São Paulo: Boitempo, 2020 [1902.]

LIMA, Luiz Costa. *A aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2007.

LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe*: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1922].

MARX, Karl. *O Capital*: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2023 [1867], Livro I.

MATOS, Maria Izilda Santos de Matos. Maria Prestes Maia (1901-1988) – Feminismo, política e cultura. In: BRITES, Olga; SILVA, Marcos; SECCO, Lincoln (Org.). *Mulheres que interpretam o Brasil*. São Paulo: Contracorrente, 2023.

MENEZES, Ludimila Moreira. Parque Industrial, de Patrícia Galvão: Cartografia feminista na São Paulo em modernização. *Crioula*, São Paulo, n. 20, p. 222-239, ago./dez., 2017.

PACHECO, Ana Paula. “Cidade-cárcere: violência e representação das classes baixas na literatura brasileira”. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, v. 16, 2007.

PENA, Maria Valeria Junho. *Mulheres e trabalhadoras*: presença feminina na constituição do sistema fabril. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln. *História do PCB*. Cotia: Ateliê Editorial, 2022.

POLLOCK, Griselda. A modernidade e os espaços da feminilidade. In: MACEDO, Ana Grabriela; RAYNER, Francesca (Orgs.). *Género, cultura visual e performance*. Antologia crítica. Ribeirão: Edições Húmus, 2011, p. 53-67.

PRIORI, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar*: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930.

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. “Relações de gênero e classe operária no Brasil, 1889-1930”. In: *Olhares feministas*. Brasília: MEC/UNESCO, 2007, p. 219-238.

RISÉRIO, Antonio. Pagu: vida-obra, obravida, vida [1978]. In: CAMPOS, Augusto de. *Pagu*: vida e obra. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 32-55.

SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani. *A Mulher na Sociedade de Classes*: Mito e Realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SANTOS, Glauce Souza. Parque Industrial: acontecimento e descontinuidade. In: SILVA, Natali F. da Costa; CRUZ, Lua Gill da; TATIM, Janaína; PEREIRA, Marcos Paulo T (orgs). *Mulheres e a Literatura brasileira.* Macapá: Unifap, 2017.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 15, n. 2, p. 5-22, 1990.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999 [1983].

SOUZA-LOBO, Elizabeth. *A classe operária tem dois sexos*: trabalho, dominação e resistência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Expressão Popular, 1991.

WELLS, Sarah Ann. Mass Culture and the Laboratory of Late Modernism in Patrícia Galvãos’s “Parque Industrial”. *Luso-Brazilian Review*, Madison, vol 53, n. 1, p. 55-76, 2016

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo y literatura*. Barcelona: Península, 1980.

* + - 1. **Dissertações e Teses**

ACHRE, Simone Pinheiro. *Deslocamentos e conexões*: o feminismo (interseccional) em Maria Lacerda de Moura e Patrícia Galvão. 2022. 233 p. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.

GOMES, Paola Fernanda. *A dialética das mulheres de Pagu*. 2022. 131 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2022.

HIGA, Larissa Satico Ribeiro. *Estética e política*. Leituras de Parque Industrial e A famosa revista. 2011. P. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas.

JUNIOR, João Carlos Ribeiro. *Literatura e política no romance de Patrícia Galvão*. 2015. 129 p. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filsosfia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MANFRINI, Bianca Ribeiro. *A mulher e a cidade:* imagens da modernidade em quatro escritoras paulistas. 2008. 246 p. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). – Faculdade de Filsosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MOTA, Allana Bogado. *Do estético ao político*: inscrições feministas na produção de Patrícia Galvão e Tarsila do Amaral. 2020. 116 p. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.

1. DEAN, Warren. *A Industrialização de São Paulo*: 1880-1945. São Paulo: Difel, 1971 [1969], p. 91. [↑](#footnote-ref-1)
2. ESTATÍSTICA INDUSTRIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1932. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Industria e Commercio do Estado de São Paulo, 1934, p. 5; ESTATÍSTICA INDUSTRIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1933. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Industria e Commercio do Estado de São Paulo, 1935, p. 3. [↑](#footnote-ref-2)
3. BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras/Companhia de Bolso, 2007 [1982], p. 18. [↑](#footnote-ref-3)
4. Idem, p. 17. [↑](#footnote-ref-4)
5. CARONE, Edgar. *A República Nova (1930-1937)*. São Paulo: Difel, 1982. [↑](#footnote-ref-5)
6. Idem, p. 106. [↑](#footnote-ref-6)
7. Idem, p. 110. [↑](#footnote-ref-7)
8. PENA, Maria Valeria Junho. *Mulheres e trabalhadoras*: presença feminina na constituição do sistema fabril. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. [↑](#footnote-ref-8)
9. Idem, p. 139. [↑](#footnote-ref-9)
10. Idem, p. 126. [↑](#footnote-ref-10)
11. De acordo com os dados trazidos por Pena (1981), se, em 1872, as mulheres correspondiam a mais de 78% da força de trabalho nas indústrias nacionais, em 1920, 1940 e 1950, essa porcentagem passou a 33,7%; 23,4% e 23,3%, respectivamente, o que indica uma diminuição significativa (PENA, 1981, p. 122). [↑](#footnote-ref-11)
12. SANTOS, Aline Tosta dos. A construção do papel social da mulher na Primeira República*. Em Debate* (PUCRJ. Online), v. 8, p. 1-18, 2009, p. 4 e 11. [↑](#footnote-ref-12)
13. PENA, Maria Valeria Junho. *Mulheres e trabalhadoras*: presença feminina na constituição do sistema fabril. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 139. [↑](#footnote-ref-13)
14. RECENSEAMENTO GERAL DO BRASIL. Série regional. Parte XVII – São Paulo, 1940. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950, Tomo 3, p. 473. [↑](#footnote-ref-14)
15. PENA, Maria Valeria Junho. *Mulheres e trabalhadoras*: presença feminina na constituição do sistema fabril. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 139. [↑](#footnote-ref-15)
16. Idem, p. 142-143. [↑](#footnote-ref-16)
17. JACKSON, Kenneth David. Patrícia Galvão e o realismo-social brasileiro dos anos 1930. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1978. In: CAMPOS, Augusto de. *Pagu*: vida e obra. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 377. [↑](#footnote-ref-17)
18. JACKSON, Kenneth David. Patrícia Galvão e o realismo-social brasileiro dos anos 1930. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1978. In: CAMPOS, Augusto de. *Pagu*: vida e obra. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 381. [↑](#footnote-ref-18)
19. O trabalho em questão é o de mestrado de Thelma Guedes, *Revolução contra a cultura: parque industrial, de Patrícia Galvão*, defendida, em 1998, no programa de pós-graduação de Literatura Brasileira da Faculdade de Filsofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Em 2003, a dissertação foi transformada no livro *Pagu: Literatura e Revolução*, usado como referência para a pesquisa. [↑](#footnote-ref-19)
20. GUEDES, Thelma. *Pagu*: Literatura e Revolução. Cotia: Ateliê Editorial, 2003, p. 24. [↑](#footnote-ref-20)
21. Idem. [↑](#footnote-ref-21)
22. Idem, p. 43. [↑](#footnote-ref-22)
23. GALVÃO, Patrícia. Maltus Alem. *O Homem do Povo*, São Paulo, 27 de março de 1931. A Mulher do Povo, p. 2. [↑](#footnote-ref-23)
24. GALVÃO, Patrícia. *Parque Industrial*. Romance Proletário. São Paulo: Companhia das Letras, 2022 [1933], p. 73. [↑](#footnote-ref-24)
25. LEAL, Tânia; PEREIRA, Marcos Paulo Torres. As mulheres modernas de Pagu em Parque Industrial. *Periódicos UNIFAP*, Macapá, v. 9, n. 1, p. 185- 192, jan./jun., 2019, p. 187. [↑](#footnote-ref-25)
26. GALVÃO, Patrícia. *Parque Industrial*. Romance Proletário. São Paulo: Companhia das Letras, 2022 [1933], p. 97. [↑](#footnote-ref-26)
27. LUKÁCS, György. *História e Consciência de Classe*: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1922], p. 197. [↑](#footnote-ref-27)
28. GUEDES, Thelma. *Pagu*: Literatura e Revolução. Cotia: Ateliê Editorial, 2003, p. 55. [↑](#footnote-ref-28)
29. Idem, p. 52 e 58. [↑](#footnote-ref-29)
30. CHAVES, Flávio Loureiro. Pagu e a experiência da linguagem. In: GALVÃO, Patrícia. *Parque Industrial*. Romance proletário. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994 [1933], p. 9. [↑](#footnote-ref-30)
31. CANDIDO, Antonio. A revolução de 30 e a cultura. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989, p. 188. [↑](#footnote-ref-31)
32. Kenneth David Jackson foi o responsável pela tradução de Parque Industrial para o inglês. Destaca-se, aqui o seu artigo Patrícia Galvão e o realismo-social brasileiro dos anos 1930, de 1978. [↑](#footnote-ref-32)
33. ACHRE, Simone Pinheiro. *Deslocamentos e conexões*: o feminismo (interseccional) em Maria Lacerda de Moura e Patrícia Galvão. 2022. 233 p. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel; GOMES, Paola Fernanda. *A dialética das mulheres de Pagu*. 2022. 131 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2022; HIGA, Larissa Satico Ribeiro. *Estética e política*. Leituras de Parque Industrial e A famosa revista. 2011. 147 p. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas; JUNIOR, João Carlos Ribeiro. *Literatura e política no romance de Patrícia Galvão*. 2015. 129 p. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo; MOTA, Allana Bogado. *Do estético ao político*: inscrições feministas na produção de Patrícia Galvão e Tarsila do Amaral. 2020. 116 p. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020. [↑](#footnote-ref-33)
34. Essas visões reducionistas de *Parque Industrial* podem ser encontradas em Lucia Maria Teixeira Furlani (1989) e em Antonio Risério (1978). [↑](#footnote-ref-34)